

## DIVERSOS

### ENTREVISTA COM O PROF. MÁRIO SCHEMBERG\* - 2a. parte

*Mas a sua visão intuitiva da ciência não conflita com um certo positivismo do marxismo? Engels dizia que Darwin tinha descoberto as leis da evolução biológica e Marx as da evolução da História.*

Acho que o próprio Marx não tinha essa pretensão. Dizia que tinha generalizado a experiência de três séculos de História européia. Ele tentou generalizar o passado para ter uma visão do futuro. Mas quando uma revolucionária russa lhe escreveu, perguntando se suas previsões se aplicariam à Rússia, não soube dar resposta. Aquele era um problema diferente do que tinha estudado, o de uma História que começava a se entrosar com a européia. Quase até o fim da vida, teve uma espécie de horror pela Rússia, para ele era sinônimo de barbárie, despotismo asiático. E, de fato, mesmo depois disso creio que a Revolução russa nunca foi muito bem compreendida pelos comunistas nem pelos anticomunistas. Ela foi um processo muito complicado, que ocorreu num país que era muito pouco europeu. Compreendi isso ao ler um livro escrito por Nehru, quando ele estava na prisão. Ele disse que a Revolução russa foi recebida com grande simpatia por todas as classes sociais da Índia, pois ali foi considerada uma vitória de um povo oriental sobre o imperialismo. Anos depois, Mao Tsê-tung diria mais ou menos a mesma coisa. O próprio Sun Yat-sen via as coisas dessa forma. Em minha opinião, a grande novidade do século XX não foi a generalização feita por Marx de três séculos de História européia, mas a entrada na cena da História de povos que estavam marginalizados e colonizados, principalmente os povos asiáticos. Aliás, é curiosa a preocupação que tinha a respeito da China um homem de grande visão, como foi Napoleão. Ele dizia: "Quando esse gigante despertar, será um perigo..."

*Sim, mas o Japão já destruíra o mito da superioridade branca, em 1905.*

Ainda assim persistia uma concepção falsa da História, da qual os próprios marxistas não estavam imunes, e que só terminaria com a guerra do Vietnã. Essa concepção vinculava tudo ao poder econômico

---

\* Entrevista publicada pelo jornal "O Estado de São Paulo" - edição de 10/12/78. Entrevistadores: Oliveiros S. Ferreira, Frederico Branco e Lourenço Dantas Mota (texto final e coordenação da série).

co. Os mais desenvolvidos, assim, teriam um poderio militar superior e, automaticamente, poderiam vencer. Já no século passado essa concepção se revelou falsa quando Napoleão, na Rússia, foi derrotado por um povo mais primitivo. Também no século passado a Inglaterra fez três guerras para conquistar o Afeganistão. Conseguiu conquistar a Índia, mas nunca o Afeganistão.

*Mas, voltando à Revolução russa, diria que o fato mais importante não consistiu na derrota da burguesia, mas no triunfo dos povos asiáticos?*

Não, essa revolução é um fenômeno extremamente complexo. No Ocidente, foi vista como uma revolução socialista. Já no Oriente foi considerada uma luta anti-imperialista. Ela também contém um aspecto que na época não foi compreendido. Em determinado momento, os bolcheviques dominavam apenas dez por cento do território russo. A fome em Moscou era terrível, havia lutas, intervenção externa. No entanto, a despeito da inferioridade material manifesta e sem armamento adequado, eles ganharam a partida. Foi um fato que o próprio regime não tinha previsto, nem mesmo Lenin pensara que isso pudesse acontecer. Nunca houve um aprofundamento claro disso...

*Trotsky dizia que o que importou foram as idéias de outubro. Teria havido a vitória sem as idéias de outubro?*

É, mas isso me parece muito superficial. Como a Antropologia está agora começando a descobrir, a superioridade tecnológica não significa superioridade de organização. Aliás, nas últimas décadas a Antropologia tem feito descobertas surpreendentes, como a de que os povos primitivos são geralmente muito bem organizados. Levy - Strauss foi diretamente aos povos mais atrasados do mundo, que eram os aborígenes australianos, e descobriu que eles tinham uma organização social matemática. Nunca tinha sido possível entender seus sistemas de estrutura, que eram complicadíssimos. Pois, com a ajuda de um grande matemático francês, Levy-Strauss conseguiu finalmente deslindar o problema. Verificou que aquela sociedade, das mais primitivas do mundo, era organizada numa base matemática perfeitamente rigorosa. Chegou a concluir que os aborígenes australianos foram os precursores do uso dos métodos matemáticos nas ciências sociais... Assim, parece-me que Trotsky não fez referência a toda a verdade. Acho que a superioridade de organização, por parte dos bolcheviques, equilibrou a situação a seu favor. Agora, é fato que essa superioridade de organização não pode ser conseguida sem uma base ideológica. Agora, o exemplo mais surpreendente disso é a guerra do Vietnã. Quem poderia imaginar que ele sáísse vitorioso daquela guerra com os Estados Uni-

dos? Contudo, a organização do Vietcong revelou-se muito melhor do que a do Pentágono, o que o próprio Pentágono não conseguia entender. Ainda lembro da notícia de que quando os americanos entraram no Cambodge chegou a notícia de que tinham ocupado uma caverna que era onde funcionava o Estado-Maior do Vietcong. Eu duvido até da existência de um Estado-Maior do Vietcong, mas o fato é que os americanos ficaram muito surpreendidos por não terem encontrado lá nem mesmo um único computador. Não podiam compreender. Como poderiam os vietcongs organizar suas ofensivas se não tinham computador? Somente agora começamos a compreender certas coisas, que escaparam tanto à burguesia quanto aos marxistas. Uma delas é a de não haver, necessariamente uma ligação entre poder militar e poder econômico. Tudo depende dos períodos históricos. Em alguns deles, a superioridade econômica garante a superioridade militar, noutros não garante. Houve época em que os grandes impérios acabavam destruídos pelos nômades, justamente quando o poder econômico não garantia mais o poderio militar. Creio que estamos num desses períodos. Acho que isso já se manifestou na Revolução russa, na Revolução chinesa, na guerra do Vietnã e possivelmente manifesta-se agora na África, como já se manifestara na Argélia, onde os franceses contavam com um bom exército moderno.

No século XX surgiram novas formas de organização, que alteraram uma série de fatores e daí vivermos numa época de grandes transformações históricas - a meu ver, imprevisíveis. É difícil prever o que vai acontecer, dado o número das novidades com que nos defrontamos. Pode-se ter uma intuição, muito mais importante nesta época do que em qualquer outra. Em todas as coisas. Se a gente se guia apenas pelo raciocínio, que se baseia somente na experiência do passado, concluirá que amanhã será igual ao que foi ontem. Se não for... Mas, felizmente, há uma outra faculdade humana que nos permite compreender certas coisas. Ao deparar com um acontecimento histórico, podemos identificar nele o novo que está se manifestando. Isso é intuição.

*Como cientista realmente vê no marxismo uma ciência, como a da História?*

Vejo-o, como uma teoria ou instrumento de ação. De resto toda teoria científica é um guia para a ação durante determinado tempo. Depois, deve ser substituída por outra, ampliada ou modificada.

*E isso se aplica ao marxismo?*

Acho que se aplica. Ao dizer que tinha generalizado a experiência de três séculos de História européia, Marx provavelmente dava a entender que tinha certas dúvidas sobre o passado e o futuro.

Por exemplo, não se entenderia nada do que está ocorrendo na África se considerássemos os acontecimentos como uma luta entre a burguesia e o proletariado, pois lá muitas vezes não há nenhuma dessas classes. Trata-se de um fenômeno diferente. Como é diferente o que está ocorrendo no Irã. Toda interpretação que se quiser dar à questão do Irã sem levar em conta o fator cultural religioso será falsa, pois ele está em primeira linha, ainda que relacionado com fatores econômicos e outros. Naturalmente, o dogmatismo e a inércia dificultam a compreensão. De qualquer forma, não acredito em leis eternas, nem mesmo nas ciências físicas. Agora, por exemplo, há muita coisa na Astrofísica que desconhecemos, pois talvez ainda não tenha chegado o momento de entendermos o que venha a ser os quasares.

*Seria uma falha de concepção básica?*

Acho que essa falha é não compreender que o homem - ainda que se considere o homem uma máquina - é algo infinitamente mais aperfeiçoado do que as máquinas que temos por aí. Somente em função de sua complexidade, o cérebro humano bate qualquer computador; o sistema nervoso humano envolve bilhões de neurônios. A partir daí, acho que a civilização do Ocidente subestima o homem, mesmo vendo-o apenas como uma máquina mais aperfeiçoada do que as outras.

*Sem fugir muito do assunto, como explicaria a atual mudança de estratégia chinesa? Mao Tsé-tung sempre enfatizou o valor moral, o valor da massa, o valor do homem. No entanto, a China agora parece disposta a fazer grandes sacrifícios para comprar equipamentos militares sofisticados, justamente dos países mais industrializados.*

Disponho de pouca informação a respeito. Acho que após a morte de Mao a China começou a entrar no período stalinista de sua história.

*Consequência da industrialização?*

Com ênfase nela. Evidentemente, a China terá de industrializar-se. Mas me parece que está incidindo num erro básico. Tenho a impressão de que o Mao tinha mais gênio do que essa gente que está lá agora. O Teng pode ser um administrador de grande capacidade, mas não me parece ser um homem de grande visão histórica, tende à tecnocracia. Tanto que tomou a si toda essa parte da responsabilidade de desenvolvimento científico, e tecnológico. Ora, uma das preocupações de Mao era preservar a estrutura camponesa da China. Achava que a força da China, que lhe permitira resistir durante milhares de anos, era exatamente essa estrutura camponesa. Não queria que as cidades crescessem muito, de vez em quando mandava gente que morava nas cidades de volta para o campo, imaginou o sistema de distribuir as

indústrias junto às fazendas. Segundo comentários que ouvi de esquerdistas no Japão, o período de stalinismo chinês está começando agora.

*Com todas as consequências?*

Bem, não quero dizer que seja uma repetição do stalinismo na Rússia mas, digamos, da concepção fundamental do stalinismo, que foi exatamente essa de promover a industrialização.

*Concepção com a qual não concorda, ao que parece?*

Não, acho que certa industrialização deve ser admitida, mas creio que esse tipo de sociedade industrial que se desenvolveu não vai subsistir; acho que ela desaparecerá. Deve dar lugar a outra coisa, que nós ainda não sabemos o que será. O sistema industrial não está mais melhorando o padrão de vida em parte nenhuma do mundo, a não ser, talvez, em alguns países muito subdesenvolvidos.

*Mas, como conciliaria esse elevado declínio com o que poderíamos chamar de emancipação de nações em desenvolvimento, como o Brasil?*

Creio que é justamente o Brasil que está tomando o caminho errado. Acho que esses planos de desenvolvimento econômico adotados não funcionam justamente por causa disso. Na Europa, de acordo com os especialistas do Clube de Roma, a rápida industrialização não levou à melhora do padrão de vida nos últimos trinta anos. Eu mesmo pude constatar esse sentimento na Europa. Ali ele é mais agudo justamente nos países considerados mais ricos, como a Suíça e os da Escandinávia. Na França, o fenômeno é visível: basta comparar o que se come em Paris, há trinta anos, com o que se come hoje. Isso é incrível e não se limita à alimentação; envolve também moradia, educação, saúde em geral. O que houve, de fato, foi certa deterioração.

*Mas isso não seria consequência de explosão demográfica?*

Ela não houve na França e, ao que eu saiba, só se registra atualmente nos países subdesenvolvidos. O fator determinante, então, não é esse. Deve ser algo mais profundo, em que se situa o erro fundamental. Admito que se trata de uma tese difícil de provar, mas acho que o erro reside justamente na industrialização, que está substituindo o homem por máquinas menos aperfeiçoadas. Isso já vinha sendo discutido há muito tempo e Galbraith já tratara desse tema no "A Sociedade Afluente". O problema todo reside em se aferir o custo social de uma transformação dessa ordem. E como ele não pode ser calculado, o que determina a introdução da máquina destinada a substituir o homem é a vantagem que ela oferece em determinado setor, mas não à sociedade em conjunto. O custo social pode ser negativo, não

é mesmo? Resultado: diminuição de eficiência social. Ela tende a diminuir, pois a planificação não leva em conta o custo social, que é indeterminável. Nos próprios Estados Unidos, um economista não chegou a ser levado a sério quando previu, depois do aumento do preço dos combustíveis, que a mecanização, em muitos casos, resultaria mais cara e que o emprego do homem tornaria certas operações menos onerosas. Ele previa também que, em consequência, haveria nos Estados Unidos uma certa redução da taxa de desemprego - o que os fatos parecem indicar - mas que, por outro lado, cairia a renda nacional real. Isso também me leva a crer que já ultrapassamos a idade da máquina. Daí, por exemplo, o grande surto que o movimento ecologista vem tomando. É o fim de um determinado período histórico. Então, acho que não há nenhuma racionalidade no que foi feito aqui no Brasil. Seria racional por exemplo, concentrar a população imensa que temos em São Paulo, despovoando o Nordeste?

*Despovoando o próprio interior do Estado.*

O próprio interior. Não há racionalidade econômica nisso e todos os problemas se tornam mais difíceis, infinitamente mais difíceis. Quanto maior é uma cidade, mais difícil se torna resolver os seus problemas. Sob o ponto de vista da racionalidade, parece que o ideal seria a cidade média, ou mesmo pequena, onde todos os problemas se resolvem com muita facilidade. Veja o caso da Noruega. Tenho lá um grande amigo, muito a par dos problemas de desenvolvimento econômico. Perguntei-lhe qual tinha sido a razão da recusa do povo norueguês a ingressar no Mercado Comum Europeu. Ele respondeu que o povo não queria mais desenvolvimento industrial, que se a Noruega entrasse no MCE isso atrairia novos capitais e que, em última análise, o padrão de vida seria reduzido. Lá, eles já tinham essa visão. E acho que a decisão foi certa, pois os noruegueses têm hoje um padrão de vida e uma renda per capita superior à dos alemães ocidentais, dos norte-americanos, dos japoneses. E há os que foram mais longe: ao que parece na Suécia só há hoje 27 zonas onde as indústrias podem ser implantadas.

*Mas como conciliar a tecnologia com a valorização do homem, aqui no Brasil?*

Achel que não faria sentido manter a estrutura agrária e promover a industrialização urbana. Eu já não estava de acordo com a política econômica do Juscelino. Aliás, acho que o Juscelino foi o precursor da atual política desenvolvimentista, da política econômica em curso. Ao que parece, quando pensou em concorrer de novo à presidência, pretendia dar mais ênfase ao desenvolvimento rural que ao

industrial. Soube disso por intermédio de industriais ligados a ele.

*Sim, mas uma parte da intelectualidade brasileira combateu a idéia de que o Brasil deveria desenvolver-se com base na agricultura, alegando que a exportação de produtos primários caracteriza o subdesenvolvimento.*

Se isso fosse verdade, os Estados Unidos seriam um país subdesenvolvido. Isso é besteira.

*Mas foi uma tese que prevaleceu aqui por muito tempo, a idéia de vendermos produtos brutos a serem industrializados e depois nos seriam revendidos como produto acabado, a preço muito superior...*

Bem, acho que deve haver alguma indústria, é claro. Tem de haver um certo equilíbrio. Mas estou certo de que o excesso de desenvolvimento Industrial é nocivo. Agora, quanto a essa tese de que o fato de exportar produto bruto é sinal de subdesenvolvimento, nem se discute. Basta lembrar que os Estados Unidos e a França são grandes exportadores de produtos brutos. Isso talvez fosse válido antigamente, mas não é mais hoje. Agora, quando falo em desenvolver a agricultura, não quero dizer que se deva manter o feudalismo, ou restos de estruturas feudais. Acho que esse desenvolvimento deve ser também acompanhado de uma reforma social no campo, com a criação de pequenas propriedades, ou cooperativas. Oferecer à população condições de ficar presa à terra. Só o fato de com isso se evitar a concentração excessiva nas grandes cidades seria uma tremenda vantagem econômica. Vários problemas seriam resolvidos localmente, sem os brutais investimentos que aqui são necessários. Enfim, acho que o mito da industrialização caiu. Aqui, deu-se mais ênfase à industrialização e, mais ainda, ocorreu uma deformação voluntária, da distribuição da renda, para que se criassem uma indústria automobilística e outras de bens duráveis. A indústria automobilística foi superdimensionada em relação às necessidades brasileiras e foi preciso criar um mercado para essa indústria. O grande erro cometido, do ponto de vista econômico - e naturalmente agravado pelo autoritarismo político que impedia as discussões, os debates - foi não se ter compreendido que estamos já numa outra época histórica e econômica.

*Qual foi o resultado, para a Universidade, das demissões e aposentadorias de uma série de cientistas e professores, depois de 64?*

Acho que elas causaram um grande prejuízo, levando-se em conta a importância cultural dos atingidos. E o curioso é que, examinando-se as listas, a gente não encontra, muitas vezes, nenhuma razão política. Basta ver que aqui em São Paulo a lista começava com o nome do reitor da Universidade, que era uma pessoa ligada a Ulhoa Cin-

tra. Em geral, todas as pessoas ligadas a ele opunham-se ao Gama e Silva. O Fernando Henrique Cardoso, por exemplo, não fazia política na Universidade, mas era o representante dos assistentes no Conselho Universitário, onde se opôs várias vezes ao Gama e Silva. Ora, ele, assim como em geral todos os que se opunham ao Gama e Silva, entrou na lista. Não se tratou, portanto, de política, ou, pelo menos, de política com P maiúsculo. Eu poderia citar ainda o caso do Luiz HIL<sup>l</sup> debrando da Silva, que fez uma carreira brilhantíssima. Foi-se também e ocupou em Paris um lugar que tinha sido de um francês laureado com o Nobel de Biologia. Hoje, dirige a seção de Biologia molecular deles, que é a mais transcendente do Instituto Pasteur. A Faculdade de Filosofia, a de Medicina, a de Sociologia, todas elas foram atingidas. E houve também a sôrdida politicagem contra o pessoal do Instituto Oswaldo Cruz, de Manguinhos, pavorosa. De lá foram demitidos dez, entre os quais o filho do Oswaldo Cruz, que quase morreu de desgosto. Foram não apenas demitidos, mas tiveram os direitos políticos cassados.

*Em que consiste no momento sua atividade e militância política?*

Não exerço atividade nem militância política. Tive alguma militância depois de 1964, mas não depois de 68. Agora, ultimamente, tenho manifestado minha opinião em conferências, sobre questões de ensino na Universidade. As críticas que tenho formulado são críticas à situação da Universidade ou à sua reforma, que acho que deve ser re-reformada com a maior urgência, sobre a planificação econômica, ou sobre o acordo nuclear.

*A partir das denúncias de caráter policialesco, autoritário, repressivo do regime da União Soviética, a sua concepção, ou adesão ao socialismo, sofreu alguma modificação?*

Acho o seguinte: cada revolução deve ser considerada uma revolução nacional do país onde se verifica. Elas têm características muito diferentes. Por exemplo, as da revolução russa foram muito diferentes da chinesa, como estas foram da revolução cubana e outras. O Fidel Castro era até um político burguês, não era muito de esquerda. O que quero dizer é que não há um modelo de revolução universal. A revolução russa, entre outras coisas, envolveu o problema de muitas nacionalidades, várias das quais não eram nem mesmo européias. O próprio Stalin era mais asiático do que europeu. Assim, é preciso levar em conta toda a complexidade desse fenômeno de uma revolução num país que não tinha a menor tradição democrática. Tanto assim que até hoje as dissensões na União Soviética são mais rigorosas nos cír



culos intelectuais. São os cientistas, são os escritores que manifestam sua insatisfação. A própria denúncia de Stalin parece não ter sido muito bem recebida pelo povo russo. Lembro que quando eles comemoraram o quinquagésimo aniversário da revolução um jornalista americano entrevistou, na rua, um homem do povo, pedindo-lhe a sua opinião sobre o caso. O homem respondeu que era moda atacar Stalin, mas que se não fosse ele, os alemães estariam em Moscou... Quer dizer, a visão popular era essa, compreendem? É coisa difícil de se entender. O mesmo se aplica aos problemas africanos. Para começar, os países da África são artificiais, pois reuniram várias tribos, uma vez que as fronteiras foram traçadas pelo colonialismo. Agora, dentro dessas fronteiras há várias tribos, que são inimigas de morte umas das outras. E hoje, em vez de estarem unidas por um sentimento nacional, odeiam-se mutuamente. Quase sempre, no fundo, todo governo africano é um governo tribal. Ora, se a gente analisar uma sociedade dessas, tribal, pretendendo julgar os acontecimentos políticos de que participa, utilizando critérios europeus, dos Estados Unidos ou latino-americanos, não se entende nada. O problema ali é outro.

*Não podemos atribuir-lhe caráter ideológico?*

Alguns podem ter, não nego a existência de algumas tendências ideológicas. Mas há o fato, a grande realidade social, é o tribalismo. Cada uma das grandes tribos poderia, por exemplo, assimilar uma nação. Mas o pior é que essas tribos se odeiam mutuamente, de forma que os problemas que representam são difíceis de entender. É coisa de que não temos a menor idéia. Nem mesmo os europeus têm idéia disso. Acontece que nesses países, como na Rússia e como na China, quando se sempre os governos fortes foram muito populares, exatamente porque não havia unidade nacional. A própria China é prova disso, uma vez que não havia uma língua nacional chinesa. Há séculos não se estabelecia na China um governo que dominasse todo o país, pois certas regiões periféricas e outras escapavam ao controle central. Então, um governo forte, de maneira geral, era o que preservava o país de invasões, que eram consideradas a pior desgraça. Aliás, há um discurso famoso de Stalin, num dos congressos do PC, em que ele tratou exatamente disso.

*A tese das nacionalidades?*

Não, ele tratava de invasões. Lembrou que a Rússia tinha sido conquistada pelos mongóis, pelos suecos, pelos alemães, pelos poloneses, enfrentara diversas invasões, inclusive a francesa. Afir-mou, entretanto, que a Rússia não voltaria a ser conquistada. Acho que toda sua política sempre girou em torno do problema de resistir

à invasão e que isso estava ligado ao problema da industrialização. Esta se destinaria a garantir o poderio militar, para preservar o país de uma invasão. E de fato, se ele não tivesse desenvolvido a indústria, não teria resistido à invasão é óbvio. O que eu quero dizer é que a mentalidade desses povos... Aliás, ainda há pouco estive conversando com um professor italiano, que visita frequentemente a Rússia. Ele me disse que é impressionante a atitude do povo russo, meio apático, politicamente - até o momento em que alguém fala nos chineses. O ódio aos chineses é manifesto. E não é consequência de fatos recentes, é coisa que vem de longe, para eles os chineses são ainda Gengis Khan. E quando se fala em China aos russos a coisa se inflama, aí há unanimidade, é uma coisa atávica. Ora, a persistência desses fenômenos atávicos é uma realidade histórica. Pergunta: mas um povo socialista estará recordando invasões que ocorreram em outras épocas? O fato é que recorda. É um fato, a gente encontra comunistas poloneses que são violentamente anti-soviéticos, por exemplo. Eu mesmo presenciei em Varsóvia uma discussão de que partícipavam vários intelectuais do PC e outros que não eram, mas o anti-sovietismo era geral. Indaguei-lhes a razão dessa atitude e todos e les disseram que embora os poloneses tivessem um padrão de vida superior ao soviético, estavam sendo prejudicados pela URSS, que os obrigava a dar ajuda ao Vietnã. Argumentei que, se tinham um padrão melhor do que os soviéticos, poderiam dar alguma ajuda ao Vietnã, que estava em guerra. Mas isso eles não admitiam, achavam que a história do auxílio ao Vietnã deveria ser só da União Soviética.

*Esse anti-sovietismo não é semelhante ao dos que fizeram a Primavera de Praga e que não deixaram de ser comunistas?*

Não, a Checoslováquia não tem uma tradição anti-russa, como a Polônia. Esta dominou muitas vezes a Rússia e a recíproca foi verdadeira. Isso também deve ser acirrado por diferenças religiosas, pois a Rússia era o país da ortodoxia, ao passo que a Polônia é um país católico. Quando a Polônia era mais forte, dominava uma parte do território russo, quando os russos eram mais fortes, dominavam a Polônia - e, a Rússia dominou-a num passado recente. Então, há um sentimento anti-russo no povo polonês. Não sei se a recíproca se aplica aos russos. Mas a Checoslováquia era diferente, pois sempre foi filo-russa, ao contrário da Polônia. Agora, pode ter desenvolvido sentimentos anti-soviéticos. Há coisas curiosas nesse campo. Por exemplo, certa vez os chineses deixaram os russos furiosos, pois resolveram - foi, aliás, uma coisa inteiramente arbitrária - elogiar Gengis Khan, classificando-o de "grande estadista chinês". Os russos fica-

ram tremendamente irritados. Enfim, essa história da persistência de sentimentos históricos por parte do povo.

*Tem um peso muito grande.*

Muito grande.

*Então, é contrário à generalização de qualquer modelo de revolução?*

Sim, na medida em que se analisa a revolução francesa e, por exemplo, se conclui que foi essencialmente a revolução burguesa. Não foi. Foi uma revolução burguesa, como as que já tinham ocorrido na Inglaterra, na Holanda e em outros países, que seguiram modelos bastante diferentes da revolução francesa. Esta foi realmente francesa, como a russa foi russa e a chinesa foi chinesa. Não digo que fatores internacionais não tenham pesado. Pesam sempre. Mas essas revoluções foram nacionais, dentro de determinados países. Como sabem, onde a revolução francesa suscitou maior horror foi exatamente os Estados Unidos, onde já se tinha processado a revolução burguesa. Tanto assim que ninguém queria classificar-se de republicano nos Estados Unidos, nem mesmo Jefferson, que era o maior simpatizante da revolução francesa. Creio que foi só a partir de Lincoln que essa fobia de republicano desapareceu, mudou de conotação. E na revolução francesa ocorreram de fato muitas brutalidades, muitas violências que não podiam ser justificadas. Em todos os grandes processos revolucionários quase sempre há muita violência que não é justificada quando a gente se atém somente aos objetivos políticos. São violências, pois há um descontrole. E a tradição pesa. Vejam: na Rússia as personalidades históricas que o povo admira são as dos construtores da nação, justamente as figuras às quais vocês fazem muitas restrições. De Ivã, o Terrível, a Pedro, o Grande, todos eles foram homens assim, considerados realmente terríveis no Ocidente, mas que o povo russo mais respeita. Até hoje, quando se vai a Moscou, há gente que indica o lugar em que Ivan, o Terrível, fez isso, ali onde Pedro, o Grande, mandou enforcar não sei quantos. Na Rússia, o Ivã que o Ocidente chama de Terrível, é classificado de o Grande... Os acontecimentos históricos não seguem o mesmo modelo. Por exemplo, como explicar que na própria Europa, num país com a civilização da Alemanha, tenha triunfado um fenômeno como o nazismo? Quem iria acreditar? Eu mesmo duvidei daquelas atrocidades, quando me falavam delas, de início. Só depois das provas é que me convenci da realidade. Como é que isso foi acontecer? E isso me convence de que não há modelo universal de coisas.

*Especialmente de revoluções.*

Sim, pois estas são sempre processos nacionais. Li um livro de um ex-ministro de Chang Cai-chec, que depois foi lecionar numa Universidade da Califórnia, onde ele analisa a revolução chinesa, não à luz do marxismo, mas das tradições chinesas. E conclui que Mao foi uma das maiores figuras da história da China, por ter conseguido unificá-la, por ter imposto o dialeto de Pequim como língua nacional. Antes dele não havia língua nacional, era como ainda acontece na Índia. Esse mesmo professor conclui, embora tenha sido um associado de Chang Cai-chec, que há séculos a China não tivera um governo tão eficiente como o de Mao. E o curioso é que sua análise foi feita à base dos pontos de vista da História chinesa, das tradições chinesas, dos problemas que a China sempre teve. O que quero dizer é que cada país tem seus problemas típicos. Nós mesmos não podemos comparar nos sos problemas com os da Argentina, apesar de sermos vizinhos, latino-americanos.

*São muito diferentes?*

Completamente diferentes. Aqui, por exemplo, temos um problema para o que são quase dois países, o Nordeste e o Sul. É um problema que tem resistido a todos os governos, todas as soluções. Outros países, certamente, têm outros problemas...